

ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: O CONHECIMENTO DE MUNDO DO LEITOR PARA A SIGNIFICAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Cleane da Silva de Lima*

Luzimar Silva de Lima**

Resumo: O texto literário na perspectiva da Estética da Recepção recebe popularidade através da compreensão e do efeito estético provocado no leitor. Assim, a literatura se realiza por meio da leitura, da experiência literária e de vida do receptor, promovendo a fama da obra ao longo do tempo. Desse modo, este trabalho objetiva analisar através da Estética da Recepção a importância do conhecimento de mundo do leitor para construção de sentido do texto literário. Destarte, a base teórica para a realização desta pesquisa tem como prisma Iser(1999), Jauss(1994), Zilberman(1989) e Costa Lima(1979) que estudam a importância do leitor para a literatura. Outrossim, através da recepção e da estética foi possível aprofundar o papel do leitor na história da literatura, pois é ele quem atribui valor, sucesso e significação à obra literária por meio de seu conhecimento e experiência estética.

Palavras chave: Leitor. Texto. Estética da Recepção. Conhecimento de mundo.

Abstract: The literary text in the Reception Aesthetic perspective become popular through the comprehension and the aesthetic effect caused to the reader. So, the literature is done through the reading, the literary and life experience by the reader, it promotes fame of the work over time. Thus, this work has as objective to analyze through the Reception Aesthetic the importance to know the world of the reader to construct of meaning of the literary text. Therefore, the theoretical base to do this research has as prism Iser (1999), Jauss (1994), Zilberman (1989) and Costa Lima(1979) that study the importance of the author to the literature. Also, through the reception and aesthetic was possible to deep about the reader function in history of the literature, because it is which gives value, success and meaning to literary work through knowledge and aesthetic experience.

Keywords: Reader. Text. Reception Aesthetic. World knowledge.

Introdução

Falar em literatura implica destacar o papel desempenhado pelo leitor em face do lido. A literatura é a arte que chama pelo outro, que o convida a participar dos fatos na construção de sentido e significado imbuído de fruição. Nesse contexto cabe ao leitor atribuir sentido à literatura ao se utilizar de sua cultura, dos costumes, dos fatos históricos e do conhecimento de

* Mestranda do Mestrado Acadêmico em Letras/Literatura pela Universidade Federal do Piauí - UFPI; bolsista FAPEPI; e-mail: necah.lima@hotmail.com

** Mestre do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; e-mail: luzilii@hotmail.com

mundo que, muitas vezes, estão relacionados ao texto literário por meio da leitura atenta e cheia de lacunas, a qual promove uma ligação entre leitor/obra/autor, possibilitando a ela destaque e fama através da audiência e do valor lhe atribuído pelo receptor.

Dessa forma, Jauss (1994), em seus estudos, busca a importância da recepção e da popularidade da obra causada tanto em seu período de surgimento histórico quanto ao longo do tempo, através do conhecimento e experiência do leitor, o qual proporciona uma nova ótica sobre o escrito de acordo com a repercussão, ou mesmo a atribuição de sentido à obra consoante o efeito estético de suas experiências, entre outros.

Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar através da Estética da Recepção a importância do conhecimento de mundo do leitor- responsável pela vida da literatura- para construção de sentido da obra por meio da experiência e efeitos estéticos que possibilitam a popularidade do texto literário.

Por conseguinte, a Estética da Recepção permite também ao leitor apreender conhecimento através dos textos literários, além de atualizá-los por meio de sua experiência literária e de vida. Desse modo, a literatura também constrói uma visão crítica ao leitor, fazendo-lhe experimentar determinados acontecimentos viabilizados pela ficção.

Nesse sentido, os textos literários recebem interpretações e sentido mediante a cultura do leitor, pois a significação da obra pode mudar ao longo do tempo de acordo com a recepção do público leitor, todavia, nem sempre uma obra terá um público formado no momento de sua criação, em alguns casos, sua popularidade é tardia ao seu surgimento.

O leitor como responsável pela vida do texto literário

É por meio dos estudos do alemão Hans Robert Jauss, professor de literatura, pela Universidade de Constança, que o leitor é tido como elemento primordial para a vida da literatura. Pois, com a apresentação da palestra intitulada *O que é e com que fim se estuda história da literatura?* Jauss apresenta em sua teoria- Estética da Recepção- o leitor como contribuidor e importante para o sentido de um texto. Assim, com a publicação de seu livro *A História da Literatura como provocação à teoria literária*, o autor, através da teoria- a qual se distanciava das demais-, permitiu um novo pensamento sobre o estudo de literatura e análise

da história da literatura, provando o valor e o papel do leitor por meio da interpretação e subjetividade dele para a popularidade e fama do texto literário.

A teoria apresentada por Jauss se diferenciava das demais teorias literárias, do século vinte, pela importância dada a recepção do texto pelo público leitor, criticando principalmente as teorias do Formalismo Russo e do Marxismo, as quais para comprovarem a eficácia do texto, renegavam o leitor a um segundo plano, não atribuindo a ele o reconhecimento merecido, favorecendo apenas a supremacia da obra e do autor. Sendo privilegiada a biografia - como se tudo fosse condicionado ao autor - e o texto tido como completo em seu significado, seja por sua estrutura, forma, estilo, efeitos, entre outros. Não havia a necessidade do receptor para qualificar, e sim sustentar a autonomia do texto, pois este era considerado pronto e completo.

Já a Estética da recepção prova que o texto não se constitui como algo fechado, e sim como algo aberto e possível de ser experimentado pelas impressões do leitor, pela subjetividade e por outras leituras, pois consoante Jauss (1994) a obra provoca a lembrança do já vivido ou lido, isso condicionado pelo diálogo entre aquele que lê e o texto.

As sete teses de Jauss abordam a estética literária e a história literária, sendo que na primeira tese, o autor enfatiza a recepção da obra literária com os seus leitores, em que para ele a história da literatura não se resume a cronologias das obras e dos autores, mas sim, a conexão entre obra e leitor.

A segunda tese versa sobre a experiência literária do leitor, sobre seu conhecimento prévio, despertado pelas experiências de sua vida e de suas leituras mediante o lido. A terceira tese versa sobre o caráter artístico da obra, das expectativas dos horizontes estéticos do leitor e da obra, além do distanciamento estético proporcionado pela obra e seu público leitor.

Na quarta tese o significado e o sentido do texto são formados ao longo do tempo, em que a pergunta da obra é respondida mediante o público leitor, sendo que leitores futuros a atualizam mediante suas vivências. Na quinta tese, a recepção da obra não constitui apenas a uma recepção primeira, mas ela sofre mudanças ao longo do tempo pelo espaço diacrônico em que ela está inserida; na sexta tese deve-se considerar a recepção num espaço sincrônico e diacrônico da obra; já na sétima tese, e última, há a presença dos dois espaços -sincrônico e diacrônico- considerando a vida social do leitor e suas emoções para o sentido da obra literária.

Dessa forma, toda obra escrita será experimentada pelo leitor mediante os seus valores, a sua forma de vida, e seu conhecimento social, que muitas, se aproximam do texto, ou lhe despertam uma nova imagem de vida, significando o texto por suas convicções e seus desejos, pois a arte desperta as vontades pelas emoções desencadeadas pelo ato de lê, satisfazendo-lhe ou não.

A recepção da obra literária, por meio do leitor, ocorre mediante a compreensão, sentido e interpretação apreendidos pelo conhecimento de mundo dele, o qual vai dando significado ao texto através de suas próprias percepções de vida e de várias leituras.

Para Jauss “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza a atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor que se faz novamente produtor, e do crítico que sobre eles reflete”. (1994, p. 25). A interpretação do leitor consiste na percepção de verdade sobre o texto, abrangendo visões sobre a obra literária, o que incide no leitor como parte do texto, sendo que este está vinculado à obra, pois é ele que contribui para a significação.

Logo, “a distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética, o caráter artístico de uma obra literária.” (JAUSS, 1994, p. 1). Em muitos casos, quando os conflitos abordados pelo texto divergem da realidade do leitor, ocorre o que Jauss chama de distância estética, que fará o receptor construir uma nova percepção sobre sua vida, atribuindo à obra valor artístico e literário.

Assim, a interpretação e compreensão da obra literária pelo leitor se realizam pelo valor significativo e subjetivo dela, pois nem sempre o texto se mostrará como novidade ou algo prévio, podendo se manifestar como desconhecido, forçando-lhe a entendê-lo, por não abordar aquilo que o receptor já conheça, ou mesmo ser contrária aos valores e normas culturais dele, já que os horizontes de expectativa tanto da obra quanto do leitor se chocam, havendo uma percepção e alargamento de conhecimento do receptor para dentro da obra ou resistência dele, construindo uma nova visão crítica perante o que foi lido e de si mesmo.

A obra literária pode despertar sensações e emoções por meio da leitura, pois os leitores estão à procura de novas aventuras, da expectativa, da surpresa, e muitas vezes de como a história se tornará impactante, pois o fato de impressionar o público será experimento pelo

efeito que a obra causa nele, podendo, então, romper com o que já se conhecia ou mesmo provocando uma nova percepção daquilo que tinha como ideológico em si, já que a obra contenta ou não o leitor, fazendo-lhe investigá-la, construindo assim, seu sentido.

Consoante Compagnon (1999, p. 139) “A abordagem objetiva, ou formal, da literatura se interessa pela obra; a abordagem expressiva, pelo artista; a abordagem mimética, pelo mundo; e a abordagem pragmática, enfim, pelo público, pela audiência, pelos leitores.”. O texto está conectado com a ideia de produção realizada pelo autor, de mimese pelos assuntos verossímeis as condições humanas e sua recepção que se faz pela compreensão e fascínio dos leitores ao adentrarem no texto com sua forma de pensar e agir.

Muitas vezes, o leitor é condicionado pelos fatores econômicos, morais e culturais de sua realidade com a da obra, sendo que este analisa os aspectos sociais encontrados nela mediante seu período de surgimento, porém, em alguns casos, relacionados com os de sua vida, construindo juízos sobre ela. Jauss (1994, p. 08), afirma que a qualidade de uma obra literária acontece através “[...] dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade”.

A recepção do texto por parte do leitor está intrínseca na experiência estética e como este reage a ela, seja pelos traços, pela linguagem, pelas emoções, sensações e sentimentos, que por meio da obra, dizem muito do leitor, ou mesmo, sua personalidade ou e sua criticidade frente ao mundo do texto, explicado, muitas vezes, através de si mesmo e de seus valores imbuídos no sentido do texto.

Desse modo, o texto literário permite ao leitor liberdade em preenchê-la com suas próprias convicções, interpretando-a por suas condizentes sociais, históricas, entre outros, pois Iser (1999, p. 109) afirma que “os lugares vazios regulam a formação de representações do leitor [...]”, o qual vai construindo a imagem da obra pelas referências que já tem, corroborando a interpretação pela interação dela, e pelo não dito sendo desvelado por ele.

Nesse sentido, o leitor, como responsável pela atualização da literatura, vai construindo sentido para obra literária mediante sua visão crítica e de sua época, havendo acúmulos de interpretação e sentidos para ela ao longo do tempo, pois “o ‘juízo dos séculos’ acerca de uma obra literária é mais do que apenas ‘o juízo acumulado de outros leitores, críticos,

espectadores e até mesmo professores’, ele é o desdobramento de um potencial de sentido virtualmente presente na obra.” [...]. (JAUSS, 1994, p. 38).

Cada época tratará uma obra referente as suas visões sociais e culturais, ganhando assim, sentido de acordo com a compreensão do texto que envolve expectativa e emoção do leitor ao construir um novo significado, até então não percebido sobre a obra, afinal, em cada época a obra recebe uma nova percepção, mediante a pergunta e a resposta sendo respondida e atualizada em base de cada período e público leitor.

Desse modo, a Estética da recepção estuda a recepção, a qual explica a interação do o leitor com o texto por meio das interpretações que surgem mediante o contexto da obra e de sua repercussão histórica ao longo do tempo. Para Ingarden (1979) a obra de acordo com o contexto histórico vai recendo novos significados, como ocorre com os variados textos, que hoje são considerados canônicos, os quais vêm ganhando novas percepções de acordo com o contexto social e histórico de seus leitores, angariando destaque e sentido preenchidos pela abordagem deles.

A obra dialoga com o leitor pelas semelhanças vividas, ou mesmo pela curiosidade despertada pelos assuntos do texto, que ampliam seu repertório e conhecimento histórico, cultural e social, pois ela propicia prazer, fruição estética por meio da leitura. Desse modo, segundo Zilberman, a questão dialógica entre leitor e obra é o “[...] fato primordial da literatura [...]” (1989, p. 33), o que dispensa os fatores apenas históricos e suas formas presas a um determinado momento, os quais vão se atualizando com o tempo.

O leitor, para a literatura, se constitui como o principal contribuidor e investigador do texto literário e da arte, pois ao lê, ele pesquisa e se interessa pelo todo- mistério-, sejam personagens, espaços e tempo, posto que “os lugares indeterminados” (ISER, 1999, p. 109) do texto que são desvelados pelo jogo e pelo aspecto lúdico dele vão permitindo ao receptor adentrar e desvendar a história, construindo seu sentido, preenchendo os vazios deixados e consentidos. Nesse sentido, tanto obra quanto leitor se aproximam dos espaços literários e sociais, pois ambos disponibilizam, pela comunicação, valores e normas empregados tanto pelo texto quanto pela sociedade do leitor.

Consoante Zilberman (2008) o leitor realiza a recepção e o acolhimento da obra literária. O significado da obra está integralmente ligado ao desenvolvimento interpretativo do

leitor, este que a recebe e a transforma mediante a resposta elaborada pela pergunta feita por ela mediante suas vivências, através da representação de seu modo de enxergar o mundo numa comparação dos fatos históricos da narrativa com os de sua própria realidade.

A narrativa permite ainda ao leitor construir perguntas sobre si mesmo e a forma como está inserido na sociedade, possibilitando o senso crítico, por meio da ficção verossímil e da vida real dele. Segundo Jauss:

[...] a história da literatura não se limita simplesmente a descrever o processo de história geral conforme esse processo se delinea em suas obras, mas quando, no curso da “evolução literária”, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com outras artes e forças sociais, a emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (1994, p. 57)

A literatura liberta o homem de todas as condições opressoras, pois é nela depositada o desejo que se almeja alcançar, sentindo-se emancipado das condições sociais que ao mesmo tempo estão fortemente ligadas a sua educação e personalidade e lhe transmitem uma maneira de compreendê-los.

A obra se apresenta, de certa forma, ao leitor como enigma, mesmo expondo aspectos já conhecidos por ele, provocando encanto, satisfação, como também desconforto, pois para Barthes (1987), há textos de prazer e de fruição, sendo que o de prazer não muda a concepção do receptor, apenas o satisfaz; e o texto de fruição inquieta-lhe, rompendo com suas interpretações primeiras, mudando-lhe as formas de pensar e agir, promovendo uma nova maneira de compreender o mundo. A obra vai guiando e construindo no leitor indagações que serão organizadas e reformuladas por ele pela maneira como os assuntos são apresentados no texto.

Para Iser (1996), o leitor é obediente ao texto ao seguir as regras não tendo a interpretação para o sentido completo da obra, porém com uma maleável liberdade consegue construir sentidos. Desse modo, Iser (1996) explica duas estruturas de leitor, o implícito e o real. O primeiro corresponde a uma forma estruturada do texto, de forma interior, mas que o leitor real é guiado por ele; o segundo está diretamente ligado pelo fator ativo e passivo, mas

não se limita apenas a estrutura do texto como o primeiro, mas tendo suas referências também externas a ele.

O leitor é este que permite uma visão sobre o texto por meio de sua interpretação e interação, preenchendo as lacunas deixadas por aquilo que possa ser experimentado no momento que se dá sentido ao texto, pois “a situação em comum e as convenções se limitam a regular o preenchimento das lacunas, lacunas estas que se formam em face da falta de controle de experimentabilidade, sendo condições básicas para qualquer interação.” (ISER, 1999, p. 103):

O texto, com suas lacunas, provoca múltiplas interpretações, pois o autor, após a publicação da obra, deixa a cargo do receptor a responsabilidade de imaginar, reinventar, descobrir as brechas, as experiências e os horizontes de expectativas que se formam e se rompem conferindo o caráter artístico da obra e comunicação entre ambos.

De acordo com Barthes (2004), a morte do autor promove a liberdade do leitor ao conferir e construir sentidos. Pois não há a necessidade da opinião do autor sobre o texto, pois quando a obra está terminada, existem múltiplas possibilidades de interpretação do texto.

Segundo Iser (2002, p. 944): “[...] o leitor recebe o texto na medida em que, conduzido pela articulação da estrutura deste, vem a construir a função como seu horizonte de sentido.” A obra viabiliza a comunicação do fictício com a do mundo real, porém está atrelada a cada parte histórica que foi produzida, sendo atualizada mediante o aspecto histórico e de geração de leitores, desta forma, tendo em cada época uma interpretação e uma recepção mediante o valor que o receptor lhe atribui.

Desse modo, a Estética da Recepção revela por meio do receptor a importância da literatura na vida dele, uma vez que sem ele, ela não se realiza, destarte, traz a ele por meio da leitura, satisfação e a epifania do texto- momento mais sublime e espiritual da leitura-, pois para Costa Lima a “[...] estética da recepção aparecia, pois como uma opção contra o torpor filológico [...]” (1979, p. 13), proporcionando uma leitura atenta e cheia de imagens, não obrigando o leitor a uma leitura com o foco no estilo, nas formas e sim, na expressão dos sentimentos, na interpretação, na fruição e no prazer estético emanados dela.

O leitor e conhecimento de mundo: em favor da construção de sentido da obra

Em relação ao texto, um dos focos que chama atenção de quem lê é entender o que ele exprime, além da interpretação, a qual não se tem como única, mas por meio das pistas deixadas e seguidas pelo leitor; este vai dando sentido ou ressignificando à obra. Desta forma, segundo Bosi (1988, p. 274): “Na invenção do texto enfrentam-se pulsões vitais profundas [...] correntes culturais não menos ativas que orientam valores ideológicos, os padrões de gosto e os modelos de desempenho formal.”, estes que os leitores também carregam de si para dentro do texto, seus valores e suas normas sociais que nem sempre se identificam com os da obra, havendo, de certa forma, resistência a ela; por outro lado, pode alargar o conhecimento do receptor e promover sua fruição estética.

Desse modo, para Costa Lima (1979, p. 19) o prazer é “originado entre a oscilação e entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distânciava interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si.”

As histórias lidas pelo leitor se aproximam ou despertam sentimentos diversos que estão próximos do horror à compaixão, provocado pelo efeito estético que se aproxima do real vivido e do lido, despertado pela obra, em que o receptor preenche os espaços propositais deixados pelo autor ou descobertos ao curso da leitura. Assim sendo, os discursos de um livro estão inteiramente abertos às opiniões do receptor, este que confere ao texto o maior sentido, garantindo-lhe fama e apreciação pelo efeito causado, ou seja, a obra revela o contentamento ou descontentamento do leitor.

O texto literário é muito mais que um conteúdo ou um evento, pode ser uma imagem, fantasia e sonhos, dependendo do ponto de vista do leitor; este emancipado de seu mundo real, o qual por meio do texto produz juízos de valores e dialoga diretamente com os da obra, além de apreendê-los através dela, pois é neste momento que o leitor realiza o sentido da obra, dando-lhe caráter artístico ao construir criticidade, resistência aos assuntos da obra frente ao seu próprio modo de pensar.

O prazer estético da obra diz muito sobre os sentimentos do leitor aflorado por ela, sendo que a literatura “é uma seriedade prazerosa, isto é, não é a seriedade de um dever que

deve ser feito ou de uma lição a ser apreendida mas uma seriedade estética, uma seriedade da percepção” (WEELLEK, WARREN, 2003, p. 26).

A literatura é uma fonte incansável de recursos linguísticos, sensíveis, de conhecimento científico, social, cultural, entre outros, que possibilitam um caráter sério e lúdico ao proporcionar aos seus leitores prazer, desejos que possibilitam aos textos literários o caráter estético. Desse modo, a literatura também permite diálogos entre o leitor e a obra através dos costumes, das culturas, oportunizando-o conhecer o mundo e seu papel social. Assim, A visão do leitor com relação à obra, na maioria das vezes, está atrelada à visão de cultura da produção da obra frente ao tempo em que ele está inserida, de forma crítica e atribuidor de sentido.

Assim, a significação da obra se faz em um espaço imagético, na experiência estética, ou seja, na percepção do leitor, que possibilita a cognição do texto ao mesmo tempo em que promove fruição estética por meio da interpretação e da compreensão dele, pois, de fato, construindo o significado, que, em partes, se torna individual pela forma como é apreensível pelo receptor. Logo, para Borba (2007, p. 59), a significação da obra é realizada em contato com o texto,

Sendo “imagética” a natureza do significado, somente quando o leitor entra em contato com o texto é que se cria a condição facultativa do “efeito” de uma experiência estética. Paralelamente à determinação desse ‘lugar’ inapreensível da mente (efeito de percepção), prevalece a compreensão de que o “efeito” de significado em forma de “imagem” não pode permanecer indefinidamente como tal. Por ser da ordem da percepção, a tendência é que o “efeito” ultrapasse esse estágio perceptivo “entre o sensório e o conceitual” e se transmute discursivamente em uma significação, cuja natureza, como sabemos, é de ordem cognitiva.

O ser humano apreende conhecimento, através da leitura, da vivência, das complexidades do cotidiano, ou através de outros meios, os quais desencadeiam imagens processadas e refletidas por aquilo já experimentado. Por outro lado, quando não existe experiência há uma complexidade em compreender e formar imagens que possam facilitar a compreensão do que foi lido, dificultando a construção de significado do texto.

A estética provoca o prazer da leitura no leitor e a viabilização dos fatos num teor efetivo das sensações que provocam expectativas, leveza e bem estar através do encanto pelo texto. Nessa perspectiva, o leitor participa da tessitura do texto, pois Jauss (1979) aborda que na produção estética ocorre a *poesis*- em que o leitor adentra no texto criando um novo texto, de certa forma; a *aiesthesis*- quando o leitor a toma como parte de produção, percebendo e compreendendo-lhe, em que o texto provoca o leitor e ele reage sobre ele, e por último se tem a *katharsis*- em que ocorre a satisfação do leitor, a purificação, a significação e sentido da obra.

Com o conhecimento de mundo através de suas vivências, o leitor transfere para a obra a sua experiência, havendo efeito estético mediante suas lembranças e sentimentos possibilitados pelo texto, seja amor, raiva, ansiedade, conforto, medo, etc. O receptor em contato com a história vai conseguindo imaginar e criar os fatos através dos personagens, pois a imagem refletida de seu próprio conhecimento é desvelado em cada parte do texto, construindo um significado, provocando prazer por meio da narrativa. De acordo com Zilberman (1989, p. 64):

[...] na realidade, as reações do leitor são predeterminadas pelas estruturas de apelo. Estas precisam do leitor para adquirir sentido, Iser retomado aqui a estética de Mukarovsky quando indica ser o sujeito o responsável pela passagem do artefato artístico à condição da obra de arte.

O efeito provocado no leitor ao lê uma obra, pelo conteúdo abordado no texto, causa expectativas e curiosidades, construindo assim, sentido, significação de acordo com os seus conhecimentos, o que também pode estar relacionado a outros fatores experimentados pelo receptor. Pois a literatura acontece pelas reações dos leitores, pela apreensão da obra por parte dele, o qual por meio do texto constrói um mundo diferente do seu, mesmo sabendo que a ficção não se constitui como verdade, mas possibilita que compreenda através do prazer, do gozo, a sensação de emancipação que possa se desvincular das regras e imposições sociais. Literatura é transcender o mundo real, é ir além, é fundir ficção e realidade de diversificados sujeitos, sejam reais ou não.

Dessa forma, a fama da obra acontece através da construção de sentido pelo leitor, por meio de sua percepção, interação, e experiência estética causada nele e como este texto é percebido por ele. Em alguns casos, a significação dela é imediata ou não, o que ocorre, por

exemplo, com textos que são esquecidos, ou que constroem repercussão rápida e são duradouros. Uma obra nunca será recebida igualmente por todos os leitores.

Nessa perspectiva, provocar a atenção do leitor é fazê-lo entender que, além de atribuir significado à obra, por meio de seus sentimentos, ela pode estar em um processo de recepção, a qual ganha percepções diferentes, havendo em sua primeira aparição impactos e rejeição, porém, em uma recepção posterior, provocar vários questionamentos e críticas, alargando o conhecimento do leitor.

Com relação aos elementos narrativos, os personagens também são importantes em um texto, uma vez que podem possibilitar ao leitor uma maior proximidade, identidade, por se verem neles, ou mesmo quererem agir como eles, seja pelos sentimentos de revolta, amor, compaixão, apreço; como também podem fazer comparação com o tempo em que foi escrito o texto com o presente do leitor, além das exigências conforme as leituras e atribuições de sentido e significação, relacionando a obra lida com a própria vida, retirando da leitura aprendizado pela experiência estética do texto.

O leitor é sensível, pois na maioria das vezes projeta ao texto alguns aspectos de seu cotidiano e de sua cultura, uma espécie de retrato dual ficção/realidade, pelas conjunturas e normas sociais, as quais ele consegue descobrir por meio “de avisos e traços familiares” (JAUSS, 1994), a significação e a beleza do texto pelo efeito estético provocado pela percepção dele sobre o contexto social e literário imergidos na obra. Dessa forma, tem-se segundo Culler (1999, p. 87):

O que os leitores realmente encontram, entretanto, é o discurso de um texto: o enredo é algo que os leitores *inferem* a partir do texto, e a ideia dos acontecimentos elementares a partir dos quais esse enredo foi formado é também uma inferência ou construção do leitor. Se falamos de acontecimentos que foram configurados num enredo, é para realçar o significado e a organização do enredo.

O que se pode compreender é que o leitor estabelece a partir do texto um novo texto, porém mais significativo através do efeito que a obra causa, propondo a ele a subjetividade de anexar suas vivências construídas por experiências próprias descarregadas na narrativa, dando-

lhe vida e construindo assim, valores e receptividade de acordo com o sentimento que desperta em cada leitor e em cada espaço do tempo em que é apresentada.

Para o leitor analisar uma obra será necessário bagagem de conhecimento a fim de compor ou mesmo construir o sentido dela, a qual se configura pelos aspectos espaço, construção social, histórico do narrador e das personagens que vão ganhando formas possibilitando a popularidade e mesmo a imortalidade do texto e do autor pela recepção e efeito estético no leitor.

Considerações finais

A construção do valor da obra literária por meio das percepções e subjetividade do leitor tornou-se peça chave para se estudar a literatura e a comunicação entre autor, obra e leitor, pelos estudos de Jauss e Iser que possibilitaram uma nova forma de se compreender o texto ao longo de seu fator histórico e literário.

Iser com a teoria do efeito possibilitou uma nova análise da contribuição do leitor perante a obra, além das sensações que esta causa nele por meio da leitura e dos preenchimentos dos espaços vazios propositais deixados no texto.

A recepção de obras literárias pelo público leitor recebe notoriedade ao longo do tempo pelo experimentar do receptor através de suas próprias análises sobre o texto, que lhe torna responsável pelo valor do texto ao atribuir sentido por meio de seus conhecimentos de mundo.

Dessa forma, é por meio do conhecimento de mundo que a obra literária vai ganhando forma e assim conquistando leitores, através da recepção e do efeito causado no leitor, despertando a lembrança de algo já vivido por ele. Sendo também, que a compreensão do texto se realiza quando o receptor o adentra e lhe confere sentido, significado e ressignificação mediante sua experiência estética. O estranhamento se faz na relação de confronto, assimilação do incomum projetado em algo habitual a partir das experiências do leitor.

Logo, a Estética da recepção estudada pelos dois teóricos dialoga com a comunicação do texto realizada pela interação do leitor com a obra por meio dos seus

sentimentos, aspectos sociais, culturais, morais, históricos, entre outros que permitem a fama e a posteridade da obra literária pautadas, principalmente nas relações leitor/autor/obra.

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora perspectiva S.A, 1987.
- _____. *O Rumor da língua*. Trad. Mario laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Uma estética do performativo: concepção de literatura pela teoria do efeito estético. *Revista de Letras*, São Paulo, 47 (2): 57-73, jul./dez. 2007.
- BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca produções culturais Ltda, 1999.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Tradução: Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. (Org.) Luiz Costa Lima. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Trad. Heidrum Krieger; Luiz Costa Lima. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. v.2.
- _____. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora. 34, 1996, v. 1.
- _____. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora. 34, 1999, v. 2.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. Editora Ática: São Paulo, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz (org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. Prefácio à segunda edição. In:_____. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. In: *Alea: Estudos Neolatinos*. vol.10, n. 1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2008.